

# JÜRGEN MOLTMANN E OS DESAFIOS DE UMA TEOLOGIA PÚBLICA NO BRASIL

## *JÜRGEN MOLTMANN AND THE CHALLENGES OF A PUBLIC THEOLOGY IN BRASIL*

*Alex da Silva Mendes\**

**Resumo:** A teologia moltmanniana, desde a sua gênese, foi bem recebida na América Latina, para não dizer em outros lugares. Um teólogo que transita bem entre católicos e protestantes. Moltmann desde o início abriu um profícuo debate, não isento de tensões, em torno de suas ideias com teólogos latino-americanos. Há um intenso e proveitoso debate em torno dos temas propostos por Moltmann feito por teólogos latino-americanos ligados à teologia latino-americana da libertação. Moltmann é um teólogo com alma de pastor, por isso seus textos estão permeados por uma profunda sensibilidade pastoral.

**Palavras-chave:** Teologia Pública. Jürgen Moltmann. Teologia Latino-Americana.

**Abstract:** Moltmannian theology, since its genesis, has been well received in Latin America, not to say elsewhere. A theologian who transits well between Catholics and Protestans. Moltmann from the beginning opened a fruitful debate, not without tension, around his ideas with Latin American theologians. There is an intense and fruitful debate around the themes proposed by Moltmann is a theologian with the soul of a pastor, which is why his texts are permeated by a deep pastoral sensitivity.

**Keywords:** Public Theology. Jürgen Moltmann. Latin American Theology.

### **1. Introdução**

A teologia pública tem sido um tema recorrente em universidades, seminários de teologia e igrejas. Há um interesse em saber mais e conhecer o que seja teologia publica. Embora toda teologia seja contextual, ou seja, não há teologia que não seja contextual, se assim não for, não é teologia, a teologia publica tem suas ramificações em diferentes lugares, como EUA África do Sul e Brasil. Em cada um desses lugares há ênfases em determinado aspecto da teologia pública. De acordo com Gonçalves (2017, p. 15), no Brasil, há expoentes da teologia pública nas universidades confessionais, procurando colocar o discurso teológico em contato com outros saberes, proporcionando assim diálogo e convergências, mas também divergências. Além dessa interface da teologia

---

\* Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa Lerte (Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia). E-mail: professoralex.educacao@gmail.com

pública na universidade, há um grupo significativo de pesquisadores produzindo reflexões, abordando diferentes perspectivas sobre temas comuns à sociedade.

É preciso colocar a teologia pública dentro de um aspecto, o eclesiológico. A ideia é de que a igreja seja o ambiente propício para a fomentação do tema (teologia pública), como também para a expansão de uma práxis que contemple os anseios do evangelho. Além de outras abordagens que a teologia pública possa ter, a igreja se configura em lócus de uma teologia engajada, claro que conflitos há, principalmente com teologias e confissões que não privilegiam a perspectiva *ad extra* da igreja. Por essa razão que trazemos o teólogo alemão Jürgen Moltmann com suas categorias teológicas que favorecem uma leitura da realidade a partir dos valores do reino de Deus tendo a esperança como horizonte. Dessa forma, a igreja que Moltmann desenha é uma comunidade comprometida com o reino de Deus, ou seja, é o elemento essencial do discurso da igreja, o reino de Deus; o reino de Deus deve ser a paixão da teologia como um todo e da igreja. Uma igreja que procura fazer parte da sociedade, participando, conseqüentemente, dos sofrimentos do povo e propondo esperanças. Quando a igreja compreende que é continuadora do projeto do reino de Deus, ela se desdobra na esfera pública com comprometimento e solidariedade. Se a igreja não tiver esses elementos bíblico-teológicos como base de sua reflexão e discurso, a sua atividade pública será comprometida ou, até mesmo, nula. Uma igreja que quer ser atuante na cidade precisa ter no seu esboço teológico a tarefa do reino de Deus e, como consequência, a quebra de preconceitos e exclusivismos, tornando-se aberta. Quando a igreja assume a sua dimensão de abertura para a cidade, ela contribui para a construção da história das pessoas; ela assume sua vocação de continuadora do projeto do reino de Deus, sendo que dessa maneira, comunica as promessas de Deus e faz chegar, ou contribui para que isso ocorra, a promoção da justiça, da paz, da vida, da liberdade, da solidariedade na cidade.

## **2. Cenários para uma teologia pública**

A teologia pública ganha uma dimensão particular a partir da década de 1970. Num primeiro momento, a ideia é articular teologia com todos numa esfera pública. Para tanto, a aproximação deve ser feita com questões que afetam as pessoas como um todo, sendo acessível outros segmentos do conhecimento a fim de buscar pontos convergentes de diálogo e inserção social. Nesse entendimento, essa relação justifica-se porque, se a teologia quer contribuir, ela precisa ir além da confissão e engajar-se numa discussão que

tenha como pauta a ética social, a justiça social, os direitos humanos, a democracia, a política e a econômica. Esse é o prospecto para uma teologia pública. Uma maneira de falar de Deus e sua vontade (reino de Deus) que seja condizente e intelectualmente possível no emaranhado de ideias, conceitos e comportamentos da atual conjuntura global. O desafio é esse. As palavras que envolvem essa busca são convergir, dialogar, adequar.

A maior dificuldade de formular uma teologia que seja pública é a característica principal da teologia, ou seja, a sua dependência de confissões de fé e a sua abordagem estritamente eclesial, no sentido de produzir teologia para dentro da comunidade de fé e nunca, com raras exceções, para fora. Pensar teologia fora dos muros institucionais é um caminho difícil, pois se compreende que teologia é para os cristãos e não para a sociedade, o que é um equívoco. Essa barreira vem antes de qualquer coisa ou tentativa, porque o processo de maturação de uma teologia pública, pelo menos no Brasil, passa pela comunidade de fé que carrega em seu imaginário religioso uma concepção de gueto, como vimos há pouco.

A teologia pública tem uma agenda abrangente e desafiadora, daí a concepção de que ela não pode articular um discurso para fora, por entender que sua maior dificuldade, talvez, seja a incapacidade de gerar, a uma linguagem teológica viável no espaço público, tendo, principalmente, a comunidade religiosa que abriga, ainda, uma visão míope e reducionista da realidade. Acrescente a isso, um ambiente ainda respira, em alguns momentos ofegante, a teologia latino-americana da libertação. Enquanto a teologia pública procura o seu lugar, a teologia da libertação já passou por esse processo na América Latina, contribuindo como uma das teologias mais significativas para o pensar teológico mundial como também para uma práxis que tem no pobre o seu lugar hermenêutico como também militante. Mesmo sofrendo reformulações, a teologia da libertação continua sendo uma força teológica na (para a) América Latina. Enquanto a teologia da libertação promove um processo de questionamento, a teologia pública busca o cooperativismo, o diálogo não frontal, mas sim a parceria na construção da sociedade. A questão que Barreto Júnior (2014, p. 212) levanta se torna pertinente nesse contexto: "Nas circunstâncias atuais, seria prudente deixarmos a linguagem política da teologia da libertação para trás, substituindo por um outro discurso público menos político ou mais abrangente?". As circunstâncias às quais Barreto Júnior, (2014, p. 213) se refere são a realidade política, social e econômica na América Latina. Realidade esta que vem funcionando com um sistema que empurra para as margens da sociedade milhões de

peças que passam o existir sob uma constante ameaça de violência, em condições empobrecidas e muitas vezes desumanas". Dentro desse quadro, a teologia pública pode ser "acusada" de ser conivente com os desmandos sociais e, na ânsia por contribuir, esquece-se, ou emudece, a voz denunciante, característica da teologia latino-americana da libertação.

O cenário para que a teologia pública faça emergir o seu discurso com o objetivo de articular a sua linguagem passa pelo espaço público. Koopman (2010, p. 43) define da seguinte forma essa articulação:

O discurso público-teológico requer as seguintes características, caráter não-prescritivo, inclusividade, participação interativa, modo de serviço, construtividade, anonimato (isto é, uso secular, linguagem camuflada que é acessível para todos) e competência hermenêutica (isto é, familiaridade com discursos diferentes e a habilidade para mover-se entre esses discursos).

Para Gonçalves (2017, p. 28), a teologia pública necessita construir um discurso que seja:

- 1- Inclusivo, ou seja, abarcar em seu modo de pensar diferentes confissões de fé e crença a fim de tratar de um bem daí a imprescindível dimensão ecumênica;
- 2- Participação com diversos setores sociais que interagem direta ou indiretamente com a sociedade, quer no âmbito partidário político, quer em agremiações de movimentos sociais;
- 3- Construtivista, a partir das diferentes perspectivas sociais;
- 4- Linguagem acessível, sem cair no modo codificado de ler e entender a teologia;
- 5- Competência hermenêutica, sendo possível uma com outras ideias e conceitos e, ao mesmo tempo, marcar posição.

Nesse sentido, a teologia pública tende a ser abrangente quanto ao discurso e à interação. Por essa razão, pode não dar conta do que se propõe... Mas suas articulações seriam nos âmbitos da política envolvida no processo de formação, avaliação de leis, além de fiscalizar o poder público quanto aos seus gastos, contribuindo para a formação crítica dos cidadãos em parceria com outros saberes, como sociologia e filosofia; da economia a partir da promoção da justiça social, do combate à pobreza, da avaliação das estruturas econômicas responsáveis pelos desníveis sociais e econômicos do país; da sociedade civil com sua manifestação comunitária, como escolas, instituições, igrejas e mídias.

De acordo com o Instituto Humanitas Unisinos (2016, p. 1), o teólogo Tracy, vem demonstrando capacidade de articulação com o tema, e entende que a teologia pública se dirige para três públicos: a sociedade, a academia e a igreja. Encarando a pluralidade de manifestações culturais, o teólogo precisa abrir um diálogo com esses três públicos a fim de ser relevante no atual contexto. A teologia pública dar-se-ia a partir disso, um olhar atento para outras realidades, desvencilhando um pouco da teologia apenas para a igreja. Na sociedade, onde se concentram diferentes vozes que contribuem para o *ethos* de sociedade, sendo esse *ethos* hoje dominado pela globalização e a tecnologia, esta última tendo a proeminência, a teologia pública seria mais uma voz, principalmente no âmbito político. Quanto à academia, a teologia pública teria o seu espaço, a exemplo de países europeus onde a teologia tem a sua especificidade no processo de maturação do ser humano, ela deixaria de ser estritamente confessional e faria um processo de inserção na sociedade secularizada. Esse cenário da teologia pública na academia se constitui um outro debate igualmente amplo e complexo, o que não estamos levando em consideração aqui por razões de propósitos. Uma síntese desse aspecto da teologia pública na academia. A proposta é fazer com que a universidade seja influenciada por uma leitura teológica da realidade. A tentativa é dotar a teologia do mesmo status sociopolítico de outras disciplinas. Esse processo incorre em diferentes questões, como o próprio status epistemológico da teologia em relação às demais disciplinas que compõem o bojo das ciências humanas. Outro âmbito da teologia pública, segundo Tracy, é a igreja como um segmento social, um grupo de pessoas que tem na fé a sua razão de ser. Aqui, a teologia pública teria a função de fornecer meios para que a comunidade tivesse uma maior participação na sociedade, renovando, instruindo e ampliando horizontes para além da confessionalidade e dos problemas corriqueiros de uma comunidade religiosa.

### **3. Experiências de teologias públicas**

Na África do Sul o apartheid foi uma força devastadora. Homens como Nelson Mandela e Desmond Tutu foram promotores de uma teologia pública quando coadunaram diversos problemas da sociedade sul-africana com a linguagem teológica em busca de um bem comum. A relação com a teologia pública foi no sentido de convergência com o Estado na luta por melhorias para o país. Com a realidade do apartheid, as igrejas sul-africanas tiveram um comprometimento maior com a decidiram fazer política com teologia. Depois da queda do regime segregacionista, a teologia pública buscou interagir

com o Estado para a formação de uma sociedade livre, democrática e economicamente inclusiva. Não por acaso que Nico Koopman dirige um departamento de teologia pública na Universidade de Stellenbosch, uma das mais importantes do país como também do continente africano.

Nos EUA, a teologia pública ganha status devido ao ambiente religioso propício naquele país. A liberdade religiosa, por conta da secularização política, tornou o país conhecido como "uma nação com alma de igreja" Ribeiro Júnior (2011, p. 172-192). Com a compreensão de "religião civil", os EUA entrelaçam política e religião, uma relação que sofre lobby de ambas as partes. Na academia, as universidades mais conhecidas mantêm cursos de teologia, como Harvard, Columbia, Yale e Chicago. Por conta dessa pluralidade religiosa, os currículos são ecumênicos e as discussões são travadas com a sociedade, por isso a crescente popularização de associações religiosas de cunho acadêmico, jornais de religião de ampla circulação, congressos e simpósios.

Na Europa, a teologia pública dá-se numa estreita relação com a teologia política. Patrocinada por autores como Johann Baptist Metz e Jürgen Moltmann, a teologia pública tem sido um tema pesquisado e popularizado por Moltmann, um teólogo de múltiplos olhares quando o tema é teologia pública e sua relevância para a universidade, a ecologia e a sociedade. No continente europeu há uma busca pela relevância da teologia na sociedade. Por lá a teologia pública pretende definir a atuação da igreja na sociedade civil, procurando ampliar sua ação em realidades públicas, uma vez que o seu currículo já se encontra nas principais universidades. A dimensão pública da fé cristã é uma necessidade, no entender de Moltmann, porque, para ele, "não existe identidade cristã que não tenha relevância pública" Gibellini (p. 200, 16).

É preciso fazer uma teologia da cidade, de acordo com Passos (2012, p. 258), a afirmação da relação dialética entre condições históricas e produção das ideias rege a compreensão dessa exposição sobre teologia e cidade. Em termos teológicos, significa assumir como regra o círculo hermenêutico entre fé e realidade, o que, em última instância, afirma que a cidade produz teologia e que a teologia pensa a cidade e, decerto modo, deverá contribuir para a produção da cidade. Afirma, ainda, que deve haver distinção, oposição ou interação entre teologia e cidade. Da parte da fé, nem sempre aparece a consciência explícita da influência da cidade nas concepções teológicas; a teologias e apresenta muitas vezes como um conjunto de ideias supra históricas e como reflexão sobre um conteúdo preexistente ou perene. A história do pensamento e a sociologias e encarregam de expor os nexos entre contexto e ideias, os mecanismos que

as produzem e as modificações que provocam. A teologia da cidade pode ser composta em vários diapasões: como oposição entre a cidade de Deus e a cidade dos homens, como juízo moral sobre os males da cidade, como adaptação da fé à cultura urbana, como construção estética do espaço urbano, como práxis de justiça pela mediação política etc. Esses tipos puros, porém reais, podem conviver na prática em um mesmo sistema teológico ou em uma prática pastoral. A busca do diálogo entre a fé e a realidade é que fornece a regra para o fazer teológico, o corte específico da teologia. Se faltarem o espírito e o método do diálogo, prevalecerá, certamente, a assimilação de um polo sobre o outro, sob a espontaneidade do senso comum religioso ou sob a malícia dos discursos ideológicos.

#### **4. A teologia da libertação e a teologia pública**

No continente latino-americano, com uma extrema necessidade de ler os "sinais dos tempos", viu surgir a teologia latino-americana da missão integral. O pensamento integral quer olhar para o ser humano e seu meio, ou seja, a sociedade. Como diz Gonçalves (2017, p. 74), até o momento, a teologia da missão integral foi um avanço considerável para a eclesiologia protestante na América Latina, principalmente quando se leva em consideração a herança da teologia missionária. Com essa tentativa, a teologia da missão integral está dizendo que a igreja está aí para fomentar os valores do reino de Deus, assumindo uma responsabilidade por uma missão integradora, igreja sociedade.

A teologia latino-americana da libertação é a manifestação profética de uma igreja (principalmente nas Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs), que olhou para um continente subjogado por todas as formas de opressão, e procurou ver julgar agir com engajamento social claro, refletido e definido. Mesmo com atritos com setores da igreja, que a acusaram de usar a metodologia marxista para a leitura da realidade, a teologia da libertação marcou a teologia contemporânea como também a trajetória do cristianismo na América Latina, servindo de inspiração em localidades como a África e Ásia. Além de ser estudada e criticada por teólogos europeus, dentre eles Moltmann.

De acordo com Costa Neto (2016, p. 64), essas teologias querem dizer algo à sociedade. Mesmo que seja um discurso de fim dos tempos, como querem ser as concepções milenaristas que apostam no caos para, depois, encontrar o paraíso, também se faz pelo discurso, usando uma linguagem bélica que alimenta o medo. Tanto a teologia latino-americana da missão integral como a teologia latino-americana da libertação são

teologias públicas. Querem dizer algo no âmbito social e, para isso, elabora-se discurso com uma linguagem inteligível para esse fim. Até porque o anseio do cristianismo como religião profética é ter o que dizer tendo como palavra as ações, gestos, ensino e vida de Jesus. Essa tentativa do cristianismo não pode ser impedida pela secular colocou a fé em uma esfera privada. Logo ela, a fé, elemento fundante do ser humano.

Como salientou Sinner (2013, p. 20), a teologia latino-americana da libertação, contando com grande contribuição de teólogos brasileiros, especialmente os irmãos Leonardo e Clodovis Boff, ganhou projeção grandiosa no cenário global, sendo objeto de reflexão e referência em estudos entre canos, europeus e africanos, de maneira que sua relação com o que chamamos de Teologia Pública, como também reconhece Sinner, é estreita e exige atenção.

De acordo com Gibellini (2002, p. 347-348), a Teologia da Libertação é historicamente composta de três fases: preparação, formulação e sistematização. A primeira se deu entre 1962 e 1968 consta da atualização da teologia católica, proposta pelo Concílio Vaticano II e sua aceitação na Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín. A segunda se inicia em 1968 após a conferência de Medellín e se estende até 1975. Neste período, segundo Gibellini. Se destacam os irmãos Leonardo e Clodovis Boff, além de Rubem Alves, no diálogo entre teólogos latino-americanos da libertação com outras teologias libertárias norte-americanas, por exemplo, e então se começa a falar em “teologias da libertação”. Na terceira fase, que começa a partir de 1976, os destaques são para os teólogos Gustavo Gutierrez e Hugo Assmann, quando “a Teologia da Libertação passa a integrar o contexto mais amplo da teologia do Terceiro Mundo” e se percebe a necessidade de um método teológico, bem como de se repensar sistematicamente “os principais temas da teologia particularmente a cristologia e a eclesiologia”, à luz da chave hermenêutica do pobre e sua libertação. Segundo Leonardo Boff, apud Gibellini (2002, p. 354):

A teologia da libertação procura articular uma leitura da realidade a partir dos pobres e no interesse pela libertação dos pobres; em função disso ela utiliza as ciências do homem e da sociedade, medita teologicamente e postula ações pastorais que ajudem o caminho dos oprimidos.

Isto significa que a Teologia da Libertação fez uma opção preferencial pelos pobres, como também afirma Sinner (2013, p. 45), estando preocupada mais especialmente com a práxis teológica e faz uma hermenêutica contextual utilizando-se de



arsenal das ciências sociais. Buscando compreender melhor a Teologia da Libertação, Enrique Dussel, *apud* Gibellini (2002, p. 347), procura mostrar que, de alguma maneira, ela se encontra no rastro da praxis da "teologia profética da Igreja na América Latina", expressa de modo não acadêmico desde o século XVI por valiosos missionários que, por exemplo, lutaram contra a exploração colonial dos índios. Esta perspectiva da tradição profética encontra respaldo em baluartes da Teologia da Libertação como os irmãos Boff (1986, p. 13-14), quando afirmam que "por detrás da Teologia da Libertação existe a opção profética e solidária com a vida, a causa e as lutas destes milhões de humilhados e ofendidos em vista da superação desta iniquidade histórico social".

Assim que, seguir este rastro profético é cabível, no entanto, é interessante notar também que tal teologia ao relegar a tradição católica romana e seus dogmas, e se utilizar das ciências sociais criticamente como espaço de discernimento e chave hermenêutica para compreender as realidades sociais e seus esquemas de dominação e opressão, representa um deslocamento nos lócus hermenêuticos do fazer teológico latino-americano. Neste sentido, trazendo a memória Ricoeur (1990, p. 145), pode-se dizer que as origens da Teologia da Libertação remontam até uma tradição que,

Talvez seja justamente a da Aufklärung, [...] a tradição da emancipação, mais que a tradição da rememoração. A crítica também é uma tradição. Diria mesmo que ela penetra na mais impressionante tradição, a dos atos libertários, a do Êxodo e da Ressurreição. Talvez não houvesse mais interesse pela emancipação, mais antecipação da libertação, se fosse apagada do gênero humano a memória do Êxodo, a memória da Ressurreição.

Isto significa que, num certo sentido, o que a Teologia da Libertação fez não foi sem precedentes, mas sim assumir uma tradição crítica e profética presente na história. Isto, portanto, pode ser entendido como os germes da Teologia da Libertação que de acordo com Sinner (2013, p. 44), teve como precursores o teólogo brasileiro Rubem Alves, influenciado especialmente por Richard Shaull, missionário americano em terras brasileiras entre 1952 e 1962.

Alves deu início ao projeto de deslocamento dos lócus hermenêuticos e fez uma releitura teológica tendo como espaço de articulação a corporeidade, logo a dicotomia entre o espiritual e o que é material que caracterizava a teologia latino-americana a 2 então, começou a ser atacada e gerar possibilidades novas, acarretando aberturas para a produção do que veio a ser conhecido como Teologia da Libertação. De fato, segundo Beozzo (1988, p. 83), "só mesmo com a Teologia da Libertação voltou, com todo o vigor,

o projeto de unir novamente dimensão espiritual e dimensão material, partindo da materialidade dos corpos explorados e sujeitados dos pobres como lugar teológico central".

Assim que, o pobre passou a ser enxergado como morada do divino tornando a experiência do pobre e seu contexto em matéria prima da reflexão e produção teológica, de modo que, entre os pobres, Deus podia ser experimentado em sua "realidade de transcendência na imanência" Libanio (1987, p. 111). Segundo Libanio e Murad (1998, p. 172), a Teologia da Libertação realmente floresceu a partir do "solo experiencial e eclesial da percepção teológica da presença de Deus no pobre, no explorado e em sua luta pela libertação". Leonardo Boff, citado por Gibellini (2002, p. 349-350), também insiste nesta perspectiva originária da pobreza, afirmando que a Teologia da Libertação nasceu "de uma indignação ética diante da pobreza e da marginalização de grandes massas de nosso continente" Hugo Assmann, também citado por Gibellini (2002, p. 350) deixa claro este comprometimento da Teologia da Libertação. Ele afirma que:

Se a situação histórica de dependência e dominação dos dois terços da humanidade, com seus 30 milhões anuais de mortos de fome e de desnutrição, não se tornar hoje o ponto de partida de toda teologia cristã, também nos países ricos e dominadores, a teologia não poderá situar e concretizar historicamente seus temas fundamentais.

Neste sentido, através da Teologia da Libertação os pobres e os marginalizados da sociedade, na posição de vítimas, ganharam voz eloquente e se fizeram presentes em muitos debates no Brasil e América Latina, tendo alcançado níveis globais. Assim que, a mediação das ciências sociais críticas na produção da Teologia da Libertação a partir do pobre como locus hermenêutico contextual e ainda a prioridade epistemológica da práxis libertárias sobre a teoria, lançaram base para uma forma de fazer teologia que de fato tem reverberado. Prova disto é que o sul-africano Bruyns (2014, p. 99-102) enquanto sensivelmente discorde em alguns aspectos dos irmãos Boff, se utiliza do quadro metodológico de Teologia da Libertação por eles definido, para explicar características da sua práxis de Teologia Pública Sinner (2013, p. 59) também reconhecendo o valor desta base e a tomando como ponto de partida questiona seus desdobramentos buscando mostrar que ela se tornou limitada num campo epistemológico e terminológico incapaz de agregar outras abordagens teológicas advindas, segundo ele, de "sujeitos novos", "novos sujeitos" e novos temas que surgem no contexto da sociedade e por isso defende

uma superação da Teologia da Libertação no Brasil através da sua contextualização numa teologia da cidadania como Teologia Pública.

## **5. Teologia pública no Brasil**

De acordo com o teólogo Sinner, na revista *Perspectiva Teológica* (2012, p. 16) no Brasil, a teologia pública começou a ser discutida a partir do assim denominado programa do Instituto Humanitas da Unisinos, universidade jesuítica em São Leopoldo. Fundado em 2001, o Instituto organiza anualmente simpósios, publica livros e artigos sob o título de “Teologia Pública”, comum espectro muito amplo de temas, principalmente no campo sistemático (diálogo inter-religioso, ecologia, ética, teologia na universidade, método na teologia, etc.). Ainda de acordo com o Instituto Humanitas Unisinos (2021, p. 1):

O Programa Teologia Pública propõe-se a abrir e articular novas possibilidades de engajamento da teologia no âmbito acadêmico e sócio cultural propondo uma Teologia que participa ativamente nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade e da academia e explicitando a relevância publicada teologia e da fé cristã. Nessa perspectiva busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar, atenta aos desafios e possibilidades que se apresentam na vida social, política, econômica e cultural da sociedade, bem como na vida eclesial, hoje.

Zeferino (2020, p. 155) nos diz que no Brasil, se faz necessário considerar a contribuição de Rudolf von Sinner no processo de divulgação, construção e pesquisa sobre teologia pública. Na coleção editada pelas Faculdades EST e pela Editora Sinodal, na qual von Sinner figura como um dos principais organizadores, ele dedica dois textos para a apresentação do tema. Em *Teologia pública: um olhar global* (2011) o autor inicia sua reflexão argumentando acerca da permanente incidência pública da religião apesar da separação entre Igreja e Estado. Junta-se a isso a noção da pluralidade religiosa e cultural como um dado que deve estar presente nas abordagens sobre religião atualmente. Diante disso, percebe duas principais tarefas de uma teologia pública ocupada com a relação entre igreja e espaço público no horizonte do bem comum: 1. “[...] incentivar essa contribuição entre as pessoas que tendem a ver o mundo como mal e a se enclausurar em suas igrejas como a comunidade dos que esperam a segunda vinda de Cristo [...]”; 2. “[...] restringi-la entre as que desejam impor sua crença, seus valores,

interesses corporativos e poder ao todo da sociedade”. Assim, o autor compreende que “uma teologia pública visa dar orientação às igrejas quanto à sua atuação além de sua membresia, em diálogo constante com a sociedade (civil) e a universidade, a economia, a mídia e outros ‘públicos’” Sinner (2011, p. 12). Este é o local em que von Sinner se percebe na configuração de uma teologia pública, enquanto uma contribuição de dentro para fora, isto é, enquanto elaboração que parte do contexto eclesial sendo traduzido para outros públicos. Para von Sinner (2011, p. 19-20), a teologia pública pode ser compreendida como um “[...] conceito agregador, isto é, uma maneira de expressar uma dimensão intrínseca à igreja, embora incorpore uma diversidade de aspectos e focos”.

Nesta direção, seria “[...] semelhante à teologia da libertação, que agregou sucessivamente todos os tipos de temas, assuntos e referências teológicas [...]”. Mais, “de fato, as teologias da libertação podem ser consideradas teologias públicas [...]”. Contudo, trata-se de um fazer teológico “[...] mais generalizante do que as teologias da libertação, e por esse mesmo motivo é mais uma dimensão do que uma linha específica de pensamento”. Ao perceber, portanto, a teologia pública como uma espécie de guarda-chuva, desenvolve uma teologia da cidadania como uma teologia pública para o contexto brasileiro Sinner (2011, p.19-20). Assim, o autor percebe que a teologia pública está inserida “[...] em uma metodologia contextual como aquela formulada pelas teologias da libertação, em que questões públicas vão ao âmago da fé em vez de permanecer na superfície” Sinner (2011, p. 20). Com efeito, a abordagem crítica oriunda do contexto sul-africano, uma das principais interlocuções assumidas pelo teólogo suíço, em diálogo constante com teólogos/as latino-americanos, torna possível se pensar numa teologia pública que não se construa alheia ao chão onde pisa. Do contexto norte-americano, por sua vez, reconhece-se a possibilidade de uma teologia que possa oferecer elementos para a construção moral e espiritual da sociedade Sinner (2011, p. 23-24). Esta ênfase percebida por von Sinner em Stackhouse, relaciona-se com o apelo a uma razoabilidade do discurso teológico como caracterizada por Tracy (2006) em sua proposta de teologia fundamental enquanto fazer teológico que se ocupa com critérios públicos de argumentação. Isto é, trata-se da possibilidade de adequação da fala teológica diante de suas interlocuções para que seu discurso seja inteligível.

## **6. Considerações finais**

A contemporaneidade impõe a nós, capacidade de diálogo e leitura da realidade circundante. É preciso trilhar o caminho da alteridade, compreensão e fraternidade. Como diz o Papa Francisco: “é preciso ser uma igreja em saída”. Nesse sentido, é preciso ler o tempo o presente com lentes adequadas. Em uma entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos (2018, p. 1) Coolman diz que a teologia pública significa “mover adiante as fronteiras da Igreja, se envolvendo com pessoas que não defendem as mesmas crenças fundamentais com o intuito de buscar o bem comum”, disse ela. “O trabalho de uma teologia pública é menos defender sem piedade a fé cristã, quanto lidar, com honestidade e boa-fé, com pessoas que vêm de um conjunto muito diferente de crenças”.

A teologia pública vai além dos muros institucionais, que procura problematizar a enorme dificuldade que a igreja tem em compreender a sua dimensão urbana e missão nas cidades com os seus problemas e desafios holísticos. O desafio urbano é um fenômeno para as ciências humanas. Tal desafio deve ser compreendido na proporção de sua complexidade urbana. A teologia pública procura nesse sentido, compreender os dilemas sociais que favorecem as condições de desterritorialização da igreja e nesse sentido, buscar elementos agregador que possam relaciona-se com o ser humano em seus aspectos vitais. Diante da cidade, com todas aflições e problemas que são conhecidos, a tarefa da igreja é ser ação do povo de Deus na cidade, a fim de proporcionar libertação, tendo como seu sujeito a coletividade, ignorando credo religioso, condição social e instrução educacional. Para Moltmann, a igreja se faz num contexto social. Como ela não é uma ilha, fechada em mesma, está em constante desafio ético-espiritual com seu contexto. Esse contexto se faz com mazelas: a pobreza evidente, a segregação de muitos do sistema econômico atual, a violência e a vigente crise epidêmica, que tem sido chamada por muitos especialistas de “crise da desigualdade”. Há grupos religiosos e políticos que se aliam ao atual sistema econômico; com discurso de descaso e negacionismo, visando apenas o interesse financeiro, em detrimento das vidas humanas, imergidas nesta que é a maior crise humanitária, já vivida no Brasil. Nesse contexto, faz-se necessário um discurso no espaço público, que contribua para um horizonte de esperança, onde o reino de Deus tenha voz e vez.

## Referências

- BARRETO JÚNIOR, Raimundo Cesar. *Teologia Pública: uma perspectiva a partir das margens*. In: ROSA, Wanderley Pereira & RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs.). *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- BEOZZO, José Oscar. *Evangelho e Escravidão na Teologia Latino-americana*. In: RICHARD, Pablo. (Org.). *Raízes da Teologia Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BRUYNS, Clint Le; BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch; SINNER, Rudolf von. (Org.). *Teologia Pública: no Brasil e na África do Sul – Cidadania, interculturalidade e HIV/Aids*. Coleção Teologia Pública, v.4, São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Editora Vozes, São Paulo, 1986.
- COSTA NETO, Cícero Cezário da. *A Teologia Pública a partir do conceito de esfera pública de Charles Taylor: Diálogos*. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1285/1/cicerocezariodacostaneto.pdf>. Consulta realizada em: 12 de março de 2021.
- GIBELLINI, Rossino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A teologia do século XX*. 2ª edição, São Paulo: Loyola, 2002.
- GONÇALVES, Alonso. *Jürgen Moltmann e a teologia pública no Brasil – São Paulo – SP – 2017*.
- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *A Imaginação Analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. 18 de março de 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/552743-a-imaginacao-analogica-a-teologia-crista-e-a-cultura-do-pluralismo>. Consulta realizada em: 07 de março de 2021.
- \_\_\_\_\_. *Teologia Pública*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/areas/teologia-publica/58627-programa-teologia-publica>. Consulta realizada em: 06 de março de 2021.
- \_\_\_\_\_. *Teologia pública. Teólogos/as enfrentam desafios para chegar ao grande público*. 01 de outubro de 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583251-teologos-enfrentam-desafios-para-chegar-ao-grande-publico>. Consulta realizada em: 14 de março de 2021.
- LIBANIO, João Batista. *Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.
- LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia: enfoques, tarefas*. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 1988.
- PASSOS, João Décio. *Teologia e Cidade: panorama histórico e interrogações atuais*. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, Ano44, Número123, p. 257-274, Mai/Ago2012. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2725/2912>. Consulta realizada em: 11 de março de 2021.
- KOOPMAN, Nico. *Apontamentos sobre a teologia pública hoje*. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo: EST, v.22, p. 38-49, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/nepp/artocle/view/29/67>. Consulta realizada em: 06 de março de 2021.
- RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio. *Deus na aterra do dólar: os estudos teológicos nos EUA*. In: SOARES, Afonso Maria Ligório & PASSOS, João Décio (Orgs.). *Teologia Pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2011.

RICOEUR, Paul. *Críticas das Ideologias*. In: RICOEUR, Paul. JAPIASSU, Hilton (org.). *Interpretação das Ideologias*. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SINNER, Rudolf von. *A Presença das Religiões no espaço público: uma análise crítica*. Confluências Culturais, Joinville, v.2, n.1, 2013.

\_\_\_\_\_. *Teologia Pública no Brasil: um primeiro balanço*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, Ano44, Número122, p. 11-28, Jan/Abr2012. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1589/1939>. Consulta realizada em: 06 de março de 2021.

ZEFERINO, Jefferson. *Estudos sobre teologia pública no contexto brasileiro: aspectos de um campo de pesquisa em construção*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano XI, n. 36, janeiro / abril de 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/48352/751375149> 219. Consulta realizada em: 08 de março de 2021.

*Recebido em: 14/03/2021*  
*Aprovado em: 30/09/2021*